

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTOR—D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brazil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Anuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento.

BRAGA—1 DE MAIO

O GRANDE MARQUEZ

II

Para nos convenceremos de que o programma dos pseudo-philosophos era o programma mesmíssimo de Sebastião José de Carvalho, bastará notarmos o empenho, com que elle promoveu a extinção da Companhia de Jesus, e com que procurou sempre contrariar, avexar e desconsiderar a Santa Sé. No primeiro ponto estava elle em pleno accordo com o philosophismo, que por bocca do seu patriarcha Voltaire havia dicto: *Quando nós houvermos destruido os Jesuitas, bom partido teremos contra o infame!*—No segundo realisava a indicação de Frederico da Prussia a que já n'outro artigo alludimos:—*Pouco a pouco se irão afastando da unidade da Egreja, acabando por ter cada qual no seu reino uma religião, assim como tem uma lingua á parte.*

A guerra aos jesuitas chegára a ser, da parte do marquez de Pombal, uma perfeita monomania. O «Figaro» refere a aneddotica perorante de M. de Grammont ao embaixador de Hespanha: «Se o grande ministro do pequeno reino continuava a ter o seu jesuita acarranchado no nariz». As peças diplomaticas da epocha affirmam com toda a seriedade o facto, que M. de Grammont enuncitava n'um gracejo. O conde de Merle, embaixador de França em Lisboa, escrevia em 1759 ao seu governo: Que o ministro Carvalho aborrecia de morte os jesuitas, e empregava todos os meios para os arruinar completamente—O mesmo diplomata communicava algum tempo depois ao duque de Choiseul: Que o unico meio, que havia, de achar graça ante o conde d'Oeiras era declamar contra os Jesuitas.—Omitindo, por brevidade, outros testemunhos, citaremos apenas as palavras de outro encarregado dos negocios de França junto á corte de Lisboa, M. de Saint-Priest, que em 1765 dizia ao respectivo ministro: «A aversão do conde d'Oeiras aos jesuitas, e a gloria que se dá por os haver expulsado, é tal que se torna uma mania, assim que a torto e a direito não pôde fallar em outra materia».

E' ainda um resultado dos planos da escola, em que o marquez de Pombal se filiára, a protecção por elle dada em Portugal ao jansenismo, cujas doutrinas se propagaram n'este reino durante o seu governo, infectando o ensino publico de uma maneira tão positiva como desastrosa. Hoje ninguem ignora que o jansenismo e o philosophismo haviam feito entre si uma monstruosa liga em odio á verdadeira Egreja de Jesus Christo. «Uma conspiração (diz Schoell) se havia formado entre os antigos jansenistas e o partido dos philosophos; ou antes, como estas duas facções tendiam para o mesmo fim, ambas trabalhavam em uma tal harmonia, que se podia erêr haverem-se concertado entre si. Os jansenistas, sob a apparencia de um zelo religioso, e os philosophos alardeando sentimentos de philantropia, trabalhavam todos na destruição da auctoridade pontificia».

Ora se alguma cousa podia igualar, no animo do marquez de Pombal, o seu odio contra os jesuitas, era a sua aversão ao pontificado, a este centro da unidade, contra o qual esteve, durante o seu governo, quasi que em permanente insurreição. Um frivolo pretexto dá-lhe motivo a interromper as relações entre Portugal e a Santa Sé; uma allusão de es-

criptos tendentes a deprimir a auctoridade do Papa inunda este paiz sob os auspícios do grande ministro; os proprios dinheiros do Estado são dispendidos n'esta cruzada infame; o mais desbragado campeão do jansenismo em Portugal—o celebre P. Antonio Pereira de Figueiredo—está nas boas graças do ministro é por elle animado, sustentado e defendido; se os gabinetes da Europa tramam qualquer acto de violencia contra o Summo Pontifice, lá está o marquez de Pombal incitando-os, aconselhando-os e prometendo-lhes o seu concurso. Não são estas, da nossa parte, asserções gratuitas; provámo-las, se tanto é mister, com documentos, e vamos citar, entre muitos outros, um facto bem relevante e peremptorio.

Haviam-se indispuesto as côrtes de França, Hespanha e Napoles com o Papa Clemente XIII por causa do duque de Parma. Foi logo o marquez de Pombal intrometer-se na contenda, não como mediador de paz, porém sim como instigador de guerra e de violencias. Conferencia com o embaixador de França em Lisboa, e diz-lhe—Que é necessario acabar por uma vez com a ingerencia da curia romana nos negocios imperiaes dos soberanos independentes (note-se que os ducados de Parma e de Placencia eram antigos feudos da Santa Sé); que segundo o seu parecer deviam as côrtes de França e de Madrid mandar embaixadores extraordinarios a Roma para exigir do Papa uma satisfação, conjunctamente com a abolição dos jesuitas, e que el-rei seu amo, posto estivesse desavindo com a curia, mandaria tambem uma embaixada para o mesmo objecto; mas que todavia aquellas embaixadas, para produzirem o desejado effeito, deveriam ser sustentadas pela presença de um corpo de tropas promptas a invadir os Estados pontificios no caso de uma negativa; e conclue assegurando que ia mandar aos ministros portuguezes residentes em Madrid e Paris as instruções mais peremptorias e explicitas sobre aquelle assumpto. Effectivamente elle envia a D. Vicente de Sousa Continho, na qualidade de ministro plenipotenciario de s. m. Fidelissima, á corte de França, e lhe dá plenos poderes para tratar convir e ajustar com os ministros d'el-rei Christianissimo tudo quanto dicesse respeito a um tratado pa a occupação dos Estados Pontificios. Impaciente se com as delongas, que os governos de Paris e Madrid punham no emprego dos meios violentos contra o Pae commun dos Fieis, e trata a este, na presença d'embaixadores estrangeiros, pela maneira mais desrespeitosa e atrevida, dizendo que a sua eleição estava nulla porque elle era um *ibecil*, que não era a primeira vez que um Papa, por ser mau, havia sido deposto, etc. (Veja-se o *Quadro Elemental*, tom. VI, a pag. 277 e 278).

E' cego pois quem não vê n'estes procedimentos de Carvalho o effeito das doutrinas espalhadas pelos philosophos, que segundo a expressão já citada de Voltaire, instigavam os principes a ferir o *idolo de Roma*, que outrora os fizera tremer.

O «Figaro» passa depois a narrar perfunctoriamente a expulsão dos jesuitas de Portugal, e allude aos tiros disparados contra a carruagem d'el-rei D. José; crime verdadeiro ou supposto, que serviu de pretexto ás medidas violentissimas, com que Sebastião José de Carvalho feriu não só os Jesuitas, mas tambem a nobresa d'este reino.

Ha n'este successo um mysterio de iniquidade, que talvez nunca chegue a aclarar-se bem. Mas o que é fóra de du-

vida é, que os jesuitas nenhuma parte tiveram n'aquelle odioso drama, em que o ministro quiz calumniosamente involvel-os. E o que tambem é certo é, que depois das horribes execuções do largo de Belem e das prisões barbaras da Junqueira, o «Figaro» não pôde ser taxado de exaggeração quando escreve que—o rei D. José I, graças ao seu primeiro ministro, vivia cercado de uma atmosphera de sangue, de lagrimas e de terror.

Proseguiremos.

D. M. S.

Foi-nos apresentado pelos seus respeitaveis signatarios o documento, que vamos transcrever.

Depois de o terem apresentado pessoalmente ao Ex.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz, perante quem manifestaram as effusões da maior sympathia e respeito por tão veneravel Prelado, que lhes soube responder com palavras de não menos significativa sympathia, vieram pedir-nos, que fizéssemos mais publica a sua manifestação espontanea

Do melhor grado accedemos: o clero que se colloca a nosso lado para defender a innocencia e confundir detractores convictos, tem de nós o melhor acolhimento e mil agradecimentos.

Todas estas manifestações cada vez mais nos convencem, de que os nossos adversarios estão isolados. O seu isolamento deve ser causa do seu desespero e da esperança que devemos ter, de que não é impunemente, que se guerreia qualquer nome respeitavel.

Podem vangloriar-se os inimigos do Ex.^{mo} Prelado, de que produziram um escandalo. Mas é gloria bem triste a dos que são escandalosos! A consciencia os tem julgado, a opinião publica os vae julgando e a historia os julgará. Depois, só lhes restará o pungente remorso, o desprezo dos homens de bem e a maldição do futuro.

Quem semeia ventos só pôde colher tempestades.

Segue o documento a que nos referimos.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

Os abaixo assignados, commissionedos pelo Clero do Arcyprestado dos Arcos de Val de Vez, vem perante V. Exc.^a significar quam pungente tem sido a sua magoa pelas calumniosas accusações propaladas contra a sagrada pessoa de V. Exc.^a por ingratos e despeitados calumniadores, que para cevarem sua maledicencia deturpam e desfiguram factos, que, se fôsem devidamente apreciados, só poderiam servir de elogio ao cumprimento dos sagrados deveres prelaticos de V. Exc.^a.

Muito deve ter soffrido o bondoso e paternal coração de V. Exc.^a! mas a certeza de que todo o Clero d'esta vasta Diocese e de suas sufraganeas e os bons catholicos de todas ellas teem lavrado um solemne e energico protesto de reprobção e estigma contra os ingratos e despeitados, cuja maledicencia é bem conhecida, deve ter suavizado a intensidade do soffrimento; pois que é a mais forte e mais eloquente resposta ás infundadas accusações, adrede por elles propaladas.

Digne-se V. Exc.^a receber nossos protestos de inalteravel respeito e dedicação, e a certeza de que estaremos sempre ao lado do nosso venerando e virtuoso Antistite, cujas virtudes, sciencia, e bondade sabemos apreciar, e não menos os serviços que ha prestado á moralidade, instrucção e bom regimen d'esta vasta Diocese.

Em Deus, e na Sua propria consciencia tem V. Exc.^a encontrado força para tanto soffrimento. Assim o testemunha a Sua Evangelica resignação e o perdão solememente outorgado aos Seus inimigos, seguindo assim o exemplo do Divino Mestre. Oxalá que um verdadeiro arrependimento os torne dignos d'elle perante Deus!

Digne-se V. Exc.^a lançar Sua paternal benção aos abaixo assignados e a todos os fieis do Arcyprestado dos Arcos de Val de Vez connosco firmemente unidos no amor, respeito e dedicação a V. Exc.^a a Quem Deus conserve por dilatados annos.

Braga, 27 de Abril de 1880.

De V. Exc.^a os mais obediêntes, respeitosos e dedicados subditos

Arcypreste, Joaquim Luiz Ribeiro da Silva, Abade de S. Paio.
Abade de Giella, Antonio José de Brito e Sá.
Abade de Synharei, José Manoel da Cunha Barreiro e Brito.
Abade do Salvador dos Arcos, Antonio Luiz Jorge de Saraiva e Brito.
Abade de S. Miguel d'Entre-os-Rios, José Luiz de Sousa e Sá.
Abade de Boivães, Antonio José Taveira.

O que é a maçonaria

«E' uma associação innocente.

«Nada tem com a politica nem com a sociedade, importando-se apenas com fazer bem.

«Os crimes que os catholicos lhe imputam não passam de meras calumnias».

Estamos já cansados de ouvir esta linguagem, que, não obstante os factos em contrario, todos os dias se repete com uma ingenuidade e malicia que espantam.

Pois não é verdade, que ainda ha pouco, o snr. deputado republicano—Rodrigues de Freitas, (um dos interpellantes na camara sobre a administração da archidiocese de Braga) não é verdade, dizemos nós, que um dos pontos da accusação feita por este senhor á Egreja por occasião do celebre incidente religioso, por elle mesmo provocado, foi o de que «o Papa até condemnava as sociedades secretas?»

Que injustiça a do Papa, santo Deus!

Condemnar a maçonaria, a innocentissima, que não faz mal a uma mosca...

Ahi vae a prova, com vista ao snr. Rodrigues de Freitas e a *tutti quanti* fazem côro com s. exc.^a

Garante a sua veracidade o telegrapho, auctoridade infallivel para quem vive por arames.

Mencionando as declarações feitas por Ottero ao duque de Sexto, antes de ser executado, attribue ao malogrado regicida estas palavras:

«Fui seduzido sem pertencer a nenhuma sociedade secreta. Conduzido a Toledo, ahi houve uma audiencia, na qual uns homens mascarados, resolveram que eu mataria Canovas. Deram-me 125 pesetas e uma pistola; mas esta ordem foi revogada. Recebi outra para matar o rei.

«No dia do attentado, dois associados avisaram-me de que se perdesse a boa occasião de matar o rei, eu seria assassinado.

«Fui guardado á vista por dois que estiveram perto de mim nas proximidades do paço. O resto terminou como vós sabeis».

Quem ousará á vista d'isto accusar a maçonaria?

Se ella é tão humanitaria, tão philantropa, etc. etc.

Que governos e governados ponham os olhos n'estes factos, para que conheçam a immensa gangrena moral que elles accusam.

M. MARINHO.

MANOEL JOAQUIM ALVES PASSOS

Do «Amigo do Povo» transcrevemos o seguinte:

Acaba de fallecer um dos cidadãos mais prestantes d'esta cidade—o ex.^{mo} sr. Manoel Joaquim Alves Passos. Deixa um nome brilhante e distinctissimo nos annos da cirurgia e do jornalismo. A sua energia e a sua nunca desmentida coragem, o seu arrojo não vulgar, a viveza de intelligencia que tanto o ennobreceia, como que revestiram o seu ferreo e austero caracter de uma aureola immortal.

Quem ha ali, entre nós, que não recorde com saudade os tempos tumultuarios e agitados, de politica ardente e rude, em que Alves Passos redigia o *Bracarense*? Quem se não admirava então, vendo-o em frente de adversarios de vulto, que elle atacava n'aquelle seu estylo incisivo, ferino, anguloso, sempre ameaçado e sempre sereno, como se a tempestade lhe não rugisse um torno?

Como operador deixa um nome quasi lendario. Habilissimo como ninguem, dotado de vastos e engenhosos recursos, como que não conheceria difficuldades, n'este espinhoso campo da sciencia.

O seu logar ali ficavasio, e por emquanto insubstituivel.

O seu histuri e a sua penna de jornalista confundiam-se: — retalhavam ambos com igual furia e denodo.

E, todavia morreu! Elle que salvara tantas vidas, que alliviara tantas dores, que operara verdadeiros prodigios, que fizera maravilhas, não pôde evitar o golpe fatal, que o despenhou na sepultura.

Deploramos sinceramente a sua falta, e lamentamos sua illustre e inconsolavel familia.

Manoel Joaquim Alves Passos, filho de Francisco José Alves Passos e de D. Anna Joaquina Pacheco, nasceu em Cabeceiras de Basto, a 4 de fevereiro de 1815.

Seu pae foi um honrado chefe de familia, bemquisto dos seus vizinhos e que exerceu mui distinctamente a profissão de advogado provisionario.

Alves Passos mostrou desde tenros annos pouco vulgar talento e notavel aptidão, de que logo deu sobejas provas no estudo das primeiras humanidades que cursou com sabios mestres das circumvisinhanças, como o dr. José Bento de Magalhães, da Rapoza, e Gervasio Antonio de Souza Bahia.

Em seguida veio para Braga onde cursou as aulas do Seminario. Destinado por sua familia á carreira ecclesiastica foi tomar ordens menores á igreja de Santa Christina da Ramalhosa, perto de Bayona, onde as recebeu em 2 de junho de 1831 das mãos do Bispo de Tui.

De genio ardente e espirito alevantado, tendo 17 annos, a idade dos sentimentos generosos, fugiu para o Porto indo alistar-se entre os bravos defensores da causa liberal. Assentando praça no regimento de Voluntarios do Minho deu inequivocas provas do seu animo energico e caracter valeroso.

Terminada essa gloriosa epopéa da liberdade, apenas obscurecida pelo bom e generoso sangue portuguez que de ambos os lados se derramára, regressou á terra natal, acolhendo-se ao agasalho de um honrado tio, Francisco José d'Oliveira Pacheco, em rasão de seu pae, affeição ao systema vencido, não ter levado a bem que o seu filho predilecto seguisse idéas contrarias ás suas, e em defeza d'ellas tivesse exposto a propria vida.

Em outubro de 1834 matriculou-se no 1.^o anno da Escola Medico-cirurgica do Porto, casando no fim d'esse anno com D. Balbina Loureiro, filha de Ricardo Joaquim Loureiro e de D. Anna Loureiro, da Villa de Valongo, senhora tão rica de dotes de espirito, como pobre era de bens de fortuna.

Collaborou por esse tempo em diversos jornaes, e no 4.^o anno da sua formatura fundou o «Athleta» órgão da politica se-

tembrista, sendo recebido na intimidade dos irmãos Passos, Barão da Ribeira de Sabroza, e de outros vultos do antigo partido progressista, que tanto se distancêa d'esse grupo que tão illustre nome usurpa.

Em 1839 terminou a sua formatura, tendo dado durante ella eloquentes provas de talento e applicação, sendo premiado em algumas cadeiras, e merecendo distincto conceito de lentes e condiscipulos.

Nesse anno publicou um bem pensado trabalho sobre a «theoria das combinações chimicas», e no anno seguinte um «Estudo sobre alguns synonymos da Lingua Portuguez», trabalhos de bastante merecimento, e que denotavam no seu author largo alcance intellectual.

Continuando na politica, descurou bastante a clinica, que lhe prometia um futuro brilhante, e militou no serviço activo da imprensa jornalística, redigindo o «Athleta», e, suspenso este por ordem da auctoridade, o «Defensor do Athleta» e mais tarde collaborando no «Nacional», um dos mais acreditados jornaes portuenses.

A politica trouxe-lhe amargos dias, e bem pesados dissabores. Querendo fugir ao seu quasi sempre funesto imperio, tractou de adquirir subsistencia para si, mulher e quatro filhos, e n'esse intuito voltou á terra que lhe fora berço e ali começou de exercer a clinica, sendo procurado por muitissima gente não só do seu concelho, como das tres limítrophes—Celorico, Mondim, e Ribeira de Pena.

Chamado por alguns amigos que tinha n'esta cidade, veio em julho de 1855 fixar aqui a sua residencia, deixando em Cabeceiras muitas e indeleveis saudades.

Mezes depois recebia um golpe doloroso com a morte da sua predilecta e estremecida filha Camilla, cahindo em seguida no leito da dôr, e permanecendo por algum tempo gravemente doente, inspirando assim serios cuidados á familia e aos numerosos amigos.

Em setembro de 1855 foi posta a concurso a cadeira d'introdução do lyceu nacional d'esta cidade, e foi a Coimbra em novembro fazer concurso a essa cadeira, sendo para ella despachado em 24 de março de 1856.

Tornando á vida activa da politica fundou o «Bracarense» que na imprensa foi defensor energico do partido regenerador.

Em 15 de setembro de 1862 rebentou em Braga a revolta do regimento de infantaria 6, e de um destacamento de caçadores n.º 3, sendo Alves Passos o chefe ostensivo d'ella. Desajudado de muitos dos principaes agentes da revolta, planeada de accordo com o fallecido duque de Saldanha, Alves Passos foi incançavel, apparecendo em toda a parte nunca perdendo o sangue frio, tão preciso sempre, mas mais ainda n'aquellas occasiões, e manda a verdade que se diga que foi á sua energia que se deveu não haver muita desgraça a lamentar, nem haver insultos a pessoa alguma.

Em 17, depois de desarmados o povo e a tropa, emigraram para Hespanha, sendo-lhe necessario pedir dinheiro emprestado apesar das accusações do roubo do cofre districtal.

Fixou a sua residencia em Valencia. Esteve emigrado até dezembro de 1863, viajando durante parte d'este periodo por França e Italia na companhia do valente Marechal Saldanha, que mui particularmente o estimava.

Promulgando-se em dezembro uma amnistia por occasião do nascimento do principe herdeiro, regressou a Braga, onde teve uma das mais festivas e entusiasticas recepções, de que ha memoria, indo a Barcellos esperal-o diversas comissões, deixando-se-lhe flores em todo o trajecto, e estando as ruas da cidade, qua atravessou, adornadas com bandeiras e cobertores de damasco, sendo constantemente victoriado por uma numerosa multidão de povo que abria alas até a casa em que vivia a familia do illustre emigrado.

A auctoridade, assustada com taes demonstrações, prohibiu que se lançassem ao ar foguetes, e fez estar em armas o regimento 8, prompto para sahir á primeira voz.

Eram os historicos que nos governavam, dos quaes são oriundos em linha recta os actuaes progressistas. Não era, pois de admirar que fossem fracos e medrosos.

Alves Passos dizia que o dia da sua entrada em Braga foi o mais feliz da sua vida.

Pouco tempo depois reapareceu o «Bracarense» que fez uma guerra crua e pertinaz ao governador civil Januario, concorrendo poderosamente para que elle em 1863 perdesse a eleição do candidato José Carvalho, que foi vencido pelo talentoso jurisconsulto Pinto Coelho.

O conselheiro Januario, desgostoso por

tal motivo, pediu a demissão, que lhe não foi accete, sendo, porém, transferido para o Porto.

Manda a verdade que se diga que a este funcionario administrativo deveu muitos o districto, perdendo por isso consideravelmente com a sua sahida. Era honrado, intelligente e emprehendedor.

Em 1871 foi eleito deputado por Villa Verde e Amares, sendo consecutivamente reeleito em 1874 e 1878, tendo a combatel-o de uma vez o actual presidente do concelho de ministros Anselmo Braamcamp, e por outra vez o presidente do centro progressista de Braga, visconde de Carcavellos.

A elle deveu Amares a criação de sua comarca, dando-lhe, em testemunha de gratidão, os principaes influentes d'aquelle concelho um jantar por subscrição publica.

Foi por diferentes vezes procurador á Junta geral d'este districto pelos concelhos de Vieira e Cabeceiras de Basto, sendo-o ainda ultimamente pelo concelho d'Amores, que ficou privado do seu sollicito procurador.

Foi delegado da Inspecção geral de Theatros, tanto no de S. João, quando residiu no Porto, como no de S. Geraldo, desde que veio para Braga até que passaram aquellas attribuições para as auctoridades administrativas.

Tambem foi redactor da «Regeneração», órgão do partido regenerador n'este districto.

Os serviços que prestou á humanidade enferma foram relevantes e valiosissimos. As operações difficéis, que realizou com bom resultado, numerosissimas. Aos pobres tractava e operava gratuita e desveladamente. E' por tudo isso que a sua perda é geralmente sentida.

O seu enterro foi um dos mais concorridos que hão tido logar n'esta cidade.

Pegaram ás toalhas do caixão, na igreja da Misericordia os facultativos Malheiro da Silva, Manoel Marques, e Rodrigues Valle e os professores do lyceu Pereira Caldas, Celestino da Silva e Alves de Moura.

No cemiterio pegaram os antigos deputados Adriano Sampaio, Jeronymo Pimentel e Adolpho Pimentel, e os procuradores á Junta geral, concelhos de Torres e Almeida, Visconde da Torre, e Araujo Queiroz.

Levou a chave do caixão o dr. Moreira Guimarães, reitor do lyceu e provedor da Misericordia, por ser o illustre finado professor do lyceu, e facultativo do Hospital. Deus tenha em paz a sua alma.

Continuamos com a publicação dos

Nomes dos membros do clero, que adheriram ao Protesto do corpo docente do Seminario Conciliar de S. Pedro, d'esta cidade.

Arceprelado dos Arcos de Val de Vez

O arcepreste Joaquim Luiz Ribeiro da Silva.—O parcho Antonio Luiz Jorge de Saraiva e Brito.—Padre Antonio Luiz da Costa Pedrosa.—Padre Miguel Luiz d'Araujo Antas.—Padre Mauricio Antonio Saraiva.—Padre João Antonio de Sousa.—O parcho fr. Bernardo da Piedade.—Padre Gabriel Antonio Ramos de Castro.—O encommendado Manoel da Silva Machado.—O parcho Manoel Caetano Vaz Silverio.—O encommendado José Antonio d'Amorim.—O parcho Policarpo José d'Araujo.—O parcho Antonio Joaquim Pinto.—Padre Gaspar Lobo de Abreu Gomes.—O coadjutor Leonel d'Abreu e Vasconcellos.—Padre Francisco de Sá da Costa Lobo.—O encommendado Antonio Gomes da Rocha.—O tonsurado Antonio Joaquim de Carvalho Junior.—O parcho João Manoel Martins.—O parcho João Manoel Osorio Coutinho.—Padre Thomaz d'Araujo Lima.—O parcho Gaspar José Gomes.—Padre Francisco Ignacio Lobo de Sá Sotto-Mayor.—O reitor Antonio José de Castro e Barros.—O parcho José Narciso Rodrigues Ramos.—Padre Antonio José Fernandes.—Padre João Manoel Alves Pereira de Lima.—Padre José Manoel Machado Brandão.—O encommendado João Antonio Fernandes.—O coadjutor Antonio José de Sousa.—Padre Antonio José Ferreira.—O encommendado fr. Antonio dos Prazeres Ribeiro.—O encommendado Manoel Antonio Rodrigues Junior.—Padre Antonio Luiz Velloso.—Padre José Luiz Rodrigues.—Padre Manoel Antonio Reis.—O parcho Francisco de Castro.—Fr. João de Santa Anna.—O encommendado Bento Gonçalves da Costa.—Padre Alexandre Pereira

de Brito.—O parcho José Bernardino de Sousa e Mello.—Padre Felix Pereira de Castro.—Padre Manoel Joaquim Galvão.—O encommendado João Bento Alves.—Padre Domingos José de Sousa.—O parcho Manoel Antonio Barreiro.—Padre Manoel Rodrigues do Souto.—Padre Manoel Alves.—Padre João Manoel Alves.—O parcho João de Brito Galvão.—O coadjutor João Pires.—Padre José Joaquim Rodrigues.—O encommendado Manoel de Sousa Barbosa.—O encommendado Antonio José de Castro.—O parcho Bento José de Araujo Sousa Gama.—O coadjutor Gaspar Cerqueira da Costa.—O parcho José Antonio da Silva Paredes.—O coadjutor Antonio Luiz de Sequeira.—Padre Antonio Luiz Alves da Rocha.—Padre Domingos Antonio Pereira.—Padre José Antonio de Barros.—Padre Isaac José Pereira Baccellar.—O reitor Manoel Bento de Araujo Brito.—O parcho Francisco Antonio da Rocha Peixoto.—O coadjutor Bento José Xavier da Rocha.—Padre Manoel José Dias.—O encommendado Bento Manoel Esteves.—O parcho Antonio José de Brito e Sá.—O reitor José Antonio de Barros e Castro.—O vigario Manoel Antonio Mendes.—O vigario Manoel Antonio Gonçalves.—Padre Antonio Luiz Rodrigues.—O parcho Antonio José Rodrigues Monteiro.—O parcho José Luiz de Sousa e Sá.—Padre Francisco Antonio Alves Lindoso.—O parcho João Manoel da Rocha.—O capellão José Joaquim Rodrigues Leitão.—O parcho Antonio Joaquim Malheiro.—O parcho João Antonio Gonçalves.—O parcho Manoel José Fernandes.—O reitor Bernardo Antunes dos Reis.—Padre Manoel José de Brito.—Padre Antonio José Leite.—Padre Mathias Alves.—O parcho Francisco de Sousa Menezes.—O parcho João Antonio Villela.—O parcho Carlos Augusto Pinheiro d'Almeida.—O encommendado José Joaquim Pereira da Costa.—O parcho Antonio José Taveira.—O parcho Manoel José Gomes d'Araujo.—O encommendado João Manoel de Araujo.—O encommendado João Gonçalves da Lomba.—O parcho Francisco Antonio d'Araujo.—O parcho Francisco José d'Araujo.—O reitor José Antonio da Silva e Almeida.

BIBLIOGRAPHIA

A Auctoridade e a Liberdade

Temos sobre a banca um precioso livro com este titulo. N'elle se estuda com profundeza á luz da razão e da fé o valor da auctoridade e da liberdade, consideradas em si e em presença uma da outra.

O conceito d'estes dois termos tem servido de thema, em todos os tempos, para graves questões sociaes. Ainda hoje se não conhece bem o seu valor e muito se discute sobre o que é a auctoridade, o que é a liberdade e como ellas poderão viver vida harmonica. Podemos, pois, chamar a este livro: um livro da actualidade.

O respeitavel nome de Mr. Landriot, Arcebispo de Reims, seu auctor, o elogio do sabio e catholico Chantrel, que lhe serve de prologo, a esmerada traducção do cavalheiro, que o traduziu para a nossa lingua, são garantias mais que sufficientes do merecimento d'esta obra e do grande proveito, que d'ella poderão tirar os seus leitores.

Recommendamol-a, pois, e esperamos que todos aproveitarão esta obra excellente, que só pôde produzir fructos excellentes.

Ainda por outro motivo sympathico se recommenda este livro: o seu piedoso traductor offerece para as obras de N. S. da Conceição do Monte Sameiro metade do producto dos exemplares, que forem vendidos.

Portanto, de novo o recommendamos: além dos bons principios, que no livro aprende, concorre o comprador para um monumento, que attestarà aos vindouros a muita devoção d'este reino fidelissimo para com a Virgem Immaculada.

Vende-se no escriptorio da Typographia Lusitana por 300 reis.

GAZETILHA

Chronica Religiosa.—Amanhã:—Exposição do Santissimo no Salvador. Festa de N. Senhora da Torre no Collegio.

Procissão das Dores nos Congregados.

Segunda-feira:—Indulgência das 7 egrejas em Braga.

Festa do Senhor dos Passos em Santa Cruz, com sermão e procissão de tarde.

No Sé, procissão das Ladainhas.

Hospede illustre.—Está n'esta cidade o exc.^{mo} sr. Manoel José de Sarrea Tavares e Garfias Torres, distinctissimo cavalheiro do Algarve, e nosso respeitavel correligionario.

Festejo.—A'manhã e segunda feira alguns devotos festejam o Cruzeiro que está erecto na alameda do campo de Sant'Anna, havendo junto do mesmo, bazar de prendas, que começará ás 3 horas da tarde, tocando a espaços uma banda de musica, e á noite illuminação na cruz e alameda.

Incendio.—A's 11 horas da noite de quarta-feira deram as torres signal de incendio, que se tinha manifestado n'uma chaminé da cosinha dos fornos da Padaria Real, pertencente ao illustrado industrial d'esta cidade o exm.^o sr. Manoel Joaquim Gomes.

Extinguiram-no de prompto, sendo os prejuizos insignificantes.

A primeira bomba que compareceu foi a dos voluntarios.

Um parcho modelo.—Escrevenos um nosso presado assignante da freguezia do Granjal, concelho de Sernacelhe:

«O revd.^o Parcho d'esta freguezia do Granjal, José Damião da Gama Fonseca e Sá, documentou um outro beneficio para que foi despachado: porém sabida que foi a noticia, todos os seus parochianos se lamentavam de perder um pastor d'uma conducta irreprehensivel, d'um zelo verdadeiramente evangelico,—em summa, um parcho modelo. Conheciam que a pobreza do seu beneficio o obrigava a procurar outro d'onde auferisse melhores proventos com que podesse viver sem tantas privações; mas conhecendo tambem, que o estado de saude do seu bondoso pastor é muito precario, os principaes cavalheiros d'esta terra tomaram a resolução de o procurarem, e lembrando-lhe o amor, respeito e veneração que todos os seus parochianos lhe consagram, pediram-lhe que, se ainda era tempo, os não deixasse.—Em vista de tão geral e espontanea manifestação, o bom pastor esquece os seus interesses materiaes, e lembra-se só que cada um dos seus parochianos era um filho querido e responde: «Convosco serei em quanto Deus quizer».

Esta resposta dada á grande deputação espalhou-se com a maxima rapidez em toda a freguezia, e causou tal enthusiasmo, que tocou o delirio. Mais do que nunca, o nosso bemquisto parcho é hoje o alvo de todas as sympathias e do amor mais sincero e ardente de todos os seus parochianos».

Publicações.—Accusámos a recepção das seguintes, que agradecemos:

—DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL, POR UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE SCIENCIA. (Fasciculos n.^{os} 99 e 100)—Lisboa, Administração da Empresa Horas Romanticas, rua da Atalaya, 42, 1.^o

—MARAVILHAS DA CREAÇÃO, POR PEDRO M. POSSER. (Fasciculo n.^o 52)—Lisboa, Travessa de Santa Justa, 95, 1.^o

—DICCIONARIO HESPAÑOL-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-HESPAÑOL. (Caderneta n.^o 5)—Porto, Empresa Editora d'Obras Clasicas e Illustradas, rua dos Fogueteiros, n.^o 24.

—DICCIONARIO POPULAR. (Fasciculo n.^o 176)—Lisboa, rua do Carvalho, n.^o 19.

—RELATORIO FEITO EM NOME DA COMMISSÃO NOMEADA POR PORTARIA DE 30 DE DEZEMBRO DE 1854 PARA BUSCAR OS OSSOS DE CAMÕES, ESCRIPTO POR JOSÉ TAVARES DE MACEDO NA QUALIDADE DE SECRETARIO DA MESMA COMMISSÃO.—Lisboa, Imprensa Nacional, 1880.

—MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS—BOLETIM MENSAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO. (Caderneta n.^o 12 do tomo 6.^o, correspondente a março).

—MARIA DO PATROCINIO OU O PATROCINIO DE N. SENHORA—ROMANCE ORIGINAL BRAZILEIRO, POR UMA FLUMINENSE.—Rio de Janeiro, 1879.

Ainda não lêmos este livrinho; mas brevemente daremos a nossa humilde opinião sobre elle.

CENTENARIO DE CAMÕES

Bases da associação dos jornalistas e escriptores portugueses

APPROVADAS NA ASSEMBLEIA DA GRANDE COMMISSÃO DOS REPRESENTANTES DA IMPRENSA DE LISBOA, EM 20 DE ABRIL DE 1880.

E' fundada em Portugal, na fórma estabelecida na lei civil, uma associação denominada dos *jornalistas e escriptores portugueses*, tendo a sua sede em Lisboa, e podendo crear delegações no Porto, Coimbra, Braga e outras terras do reino.

O seu fim é promover e defender os interesses legitimos, moraes ou materiaes das collectividades ou corporações formadas pelas classes que a constituem e individualmente os dos seus associados, em tudo o que diga respeito ao exercicio da sua profissão.

Consequentemente:—E' a primeira das suas obrigações moraes, e o objecto dos seus constantes esforços elevar o nivel da imprensa á altura da primeira instituição social dos povos livres e civilizados, e buscar influir o mais directamente que possa, e no limite da sua acção intellectual, nos progressos da litteratura, das sciencias, das artes, da educação e instrução publica das instituições, em fim, da *civilização portugueza*.

Nos seus fins especiaes comprehendem-se:

A prestação extraordinaria de soccorros aos seus associados, em qualquer grande e nobre infortunio.

O diligenciar, como procuradora natural dos associados a negociação ou collocação mais vantajosa dos seus trabalhos e da sua actividade intellectual, tratando com os editores, e com as empresas, quando e como, devidamente representada pela sua administração, e na fórma regulamentar, entender dever fazel-o.

Proteger na proporção justa e possivel a familia desamparada de qualquer socio fallecido.

Crear um fundo especial de soccorros pecuniarios, embora limitados, e quando o desenvolvimento e prosperidade da associação o permittir, para alliviar os soffrimentos de qualquer de seus socios inhabilitados, caídos em desgraça absoluta, e comprehendidos nas disposições da lei que reger a sociedade.

Como a associação representa perante os seus associados uma acção paternal, amorosa e conciliadora, ella funciona affectuosamente, e do modo mais discreto, como tribunal de familia para os trazer a accordos honrosos nas suas dissidencias, no seu decore pessoal, e dos creditos seus e das respectivas corporações, podendo até constituir-se em tribunal de honra para soluções pacificas e dignas nos casos em que a sua auctoridade seja invocada, ou reconhecida pelos socios inimizados.

Serão considerados *jornalistas* para o effeito da admissão a socios, a qual será claramente regulada na lei social,—todos os que exercerem com effectividade essa profissão, e que sejam reconhecidos como taes pelo consenso geral.

Serão considerados para o mesmo effeito *escriptores publicos*, todos os que exercerem com effectividade essa profissão, e que sejam reconhecidos como taes por suas publicações litterarias em qualquer fórma de manifestação: a imprensa periodica, o livro, o theatro e ainda:

Os *professores* de litteratura, história, bellas artes, sciencias moraes, economicas e politicas, biologicas, physico-quimicas e mathematicas, quer tenham publicado pela imprensa os seus livros, compendios, lições, e preleções, quer elaborem estas e as publiquem oralmente sob suas notas nas aulas e cursos respectivos.

A associação dos *jornalistas e escriptores portugueses* tem como principio fundamental a livre manifestação do pensamento dos seus socios no seu gremio; acata portanto as suas opiniões, e só procura evitar o choque dos antagonismos que possam perturbar a boa harmonia fraternal, que é a base da sua força, da sua existencia, e da sua utilidade.

O fundo da associação será constituído:—1.^o Por uma quantia moderada, a titulo da aquisição do diploma de socio; 2.^o Por uma quota mensal, igualmente moderada, que não deverá exceder a 300 reis; 3.^o Pelo producto da entrada publica em saraus litterarios, scientificos ou artisticos, ou conferencias dia-

rias que a associação entender celebrar annualmente com a cooperação dos seus associados a beneficio do seu cofre; 5.^o Pela contribuição de uma limitada percentagem das negociações que a associação realizar com as obras dos seus socios, e por conta d'elles.

Entre as circunstancias limitativas da admissão a socios deverá ser incluída como essencial a de um viver reconhecidamente e publicamente indigno e deshonroso, não devendo em caso nenhum ser manifestado e publicado o motivo da recusa, que será feita do modo mais secreto e implicito. Da mesma sorte serão regulados os motivos, fórma e condições da expulsão de qualquer socio.

A associação será administrada, dirigida e representada por uma comissão directora composta de um presidente effectivo e um presidente honorario, se assim o julgar conveniente ao seu credito, consideração e prosperidade, dois secretarios, dois vice-secretarios e um thesoureiro, eleitos annualmente, e podendo ser reeleitos a seguir uma só vez.

Poderá eleger commissões especiaes auxiliares para diversos serviços, emanando directamente o seu mandato da assembleia geral, quando sejam serviços permanentes; ou da administração, quando tenham o caracter de delegações meramente transitorias.

A assembleia geral de prestação de contas, e apresentação do relatorio, e eleição de nova administração será, portanto, convocada annualmente, havendo, além d'isso, no dia 10 de junho de cada anno uma sessão solemne commemorativa da data da fundação da associação e do facto historico que a determinou.

Fundará na sua sede, e com o contingente de todos os socios e de quaisquer offertas de livros de individuos e corporações portuguezas e estrangeiras, uma bibliotheca e adjunto gabinete de leitura em que se achem todos os periodicos portuguezes e os estrangeiros que se possam obter facilmente.

Estabelecerá preleções e conferencias, buscará dar impulso á fundação de quaisquer escolas populares e especiaes.

Publicará uma *Chronica* mensal ou *Annaes* quando os seus meios economicos o permittam.

A sua fundação solemne será no dia 10 de junho do corrente anno, data do terceiro centenario da morte de Luiz de Camões, como facto inicial da confraternização dos escriptores portuguezes, e sua primeira homenagem n'esse dia ao epico nacional, cuja effigie será o emblema da associação e do presidente e socios, e cujo retrato será collocado na sala da sua assembleia.

A comissão executiva da grande comissão dos representantes da imprensa, encarregada igualmente de dirigir a solemnidade da fundação solemne da Associação dos *jornalistas e escriptores portugueses* sobre as bases votadas pela grande comissão, tratará de elaborar os estatutos em harmonia com essas bases, e de procurar a inscrição de socios, e a sua adhesão a elles afim de convocar no mais breve espaço de tempo, depois de preenchidas as formalidades legais, a assembleia geral da associação para que eleja a sua administração na conformidade dos estatutos.—Lisboa e sala das reuniões da comissão executiva na casa da sociedade de geographia, 16 de abril de 1880.—J. C. Rodrigues da Costa, servindo de presidente, Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, Ramalho Ortigão, S. de Magalhães Lima, Pinheiro Chagas, Jayme Batalha Reis e Eduardo Coelho, relator.

NECROLOGIA

Já não existe o virtuoso padre Antonio Manoel d'Oliveira!

A desapietade Parca cortou-lhe o fio da existencia, quando apenas contava 36 annos!

O bondoso ministro do altar possuía um grande numero de amigos, que hoje choram a sua perda.

Era um apostolo verdadeiramente exemplar!

O padre Antonio Manoel d'Oliveira, era natural da Povoia de Lanhoso e residia actualmente em Vill. Nova de Famalicão, exercendo alli o logar de professor.

Foi um marty na terra e hoje gosa a felicidade do céu!

Por espaço de tres annos soffreu crueis dores, succumbindo enfim a uma phthisica pulmonar.

O seu passamento consternou todos os filhos de Famalicão.

A sua alma pura voou á mansão dos justos!

Descança em paz, exemplar pastor, e o teu rebanho não podendo olvidar as tuas virtudes irá á tua campa verter duas lagrimas de profunda saudade.

Arcos, 25 de abril de 1880.

José Moreira de Moraes Sarmento.

AGRADECIMENTOS

Joaquim Antonio Ferreira, abbade da freguezia de Sant'Iago da Cruz, do concelho de Villa Nova de Famalicão, vem por este meio, por o não poder fazer pessoalmente, agradecer a todos os exm.^{os} snrs., e bem assim a todos os snrs. eclesiasticos que se dignaram comprimental-o e prestar-lhe seus serviços, por occasião do fallecimento de seu sempre chorado irmão padre Antonio Joaquim Ferreira; a todos protesta cordealmente seu indelevel reconhecimento de gratidão.

Sant'Iago da Cruz 30 d'abril de 1880.

O abbade Joaquim Antonio Ferreira. (221)

Boaventura José da Silva e sua mulher Maria da Graça, agradecem do coração, pelo não poderem fazer pessoalmente, a todas as pessoas que por favor e caridade tiveram a bondade de acompanhar, na tarde do dia 18 do corrente, sua extremosa filha Maria da Conceição da Silva ao cemiterio publico, e d'assistirem aos responsos de sepultura.

Braga 21 d'abril de 1880.

Boaventura José da Silva. (205) Maria da Graça.

ANNUNCIOS

LIVRARIA EDITORA

DE

TEIXEIRA DE FREITAS

Todas as edições feitas por esta livraria, estão á venda n'esta cidade de Braga em casa do sr. padre Manoel Joaquim Martins, rua dos Capellistas, n.^o 10, correspondente da dita livraria em Guimarães, e do «Progresso Catholico», publicado pela mesma.

Venda de casas em Braga

Vende-se uma de um andar, com quintal murado, agua, ramada de castanheiros e arvores de fructa, na rua de D. Pedro V, n.^o 18. Para tractar, em Braga, campo de D. Luiz I, 8, no Porto, Clerigos, 47. (217)

Compra-se um prelo com todas as suas pertencas. Quem quizer vender, póde dirigir-se á rua do Campo n.^o 15, ao sr. João Correia Braga. (218)

CARIMBOS DE BORRACHA

Que servem para marcar muitos e diversos objectos, especialmente papel, roupa branca, madeira e solla, e tambem se fazem pequenos para marcar com lacre

Fazem-se estes carimbos pelo systema inglez o mais perfeito e conhecido, e garantidos por 15 annos, de 800 reis para cima.

Estes carimbos, pela sua perfeição, são preferiveis aos de metal ou d'outro qualquer material, pois já estão fazendo uso d'elles todos os bancos do Porto, e diversas cidades, e muitas casas commerciaes, dando resultados os mais satisfatorios. Fazem-se com armas, emblemas e monogramas, e mesmo firmas, ou nomes a imitar a propria assignatura, etc., á vontade do pretendente.

Quem pretender dirija-se por escripto ou pessoalmente a

Antonio Germano Ferreira, Rocio de S. João n.^o 14 e 15—Braga.



NOVO HORARIO.

José Duarte Pregueiro, d'esta cidade, faz publico que a sua diligencia que sae da casa do snr. Ribeiro Braga em direitura á Povoa de Lanhoso e Simões ás seis horas da manhã, fica sahindo desde o dia primeiro de maio ás cinco.

Braga 27 de abril de 1880.

Pelo annunciante—*Ribeiro Braga.*

(219) Verifico—*Antunes Reis.*



NOVO HORARIO

Antonio do Couto & C.^a, da cidade de Guimarães, fazem publico que as suas diligencias que sahem de Braga em direitura a Guimarães, Fafe, Lameira, Gandarella e Arco, da casa do muito e bem conhecido Ribeiro Braga, ás cinco e cinco e meia horas da manhã, principiam a sahir desde o dia primeiro de maio ás quatro e quatro e meia; e continuam a sahir ás mesmas horas os carros do meio dia menos um quarto e duas horas da tarde. Previnem-se os snrs. passageiros que tiverem de seguir a sua viagem de Braga em direitura ao Arco, tem de tirar o bilhete paro o carro que parte ás quatro horas da manhã.

Braga 27 de abril de 1880

Pelos annunciantes—*Ribeiro Braga.*

(220) Verifico—*Antunes Reis.*

ATENÇÃO

Vende-se duas moradas de casas, sobradadas, de tres andares, com os n.ºs 3 e 4, sitas na rua de S. Geraldo, d'esta cidade. Quem as pretender póde fallar na rua das Aguas com Antonio Gonçalves Veiga.

(206)

COMPRAM-SE ACÇÕES

9—LARGO DE S. FRANCISCO—9

LOJA DE SOLA

Do Banco Commercial da Madeira.
Do Banco da Covilhã.
Do Banco Portuguez.
Do Banco de Bragança.
Do Banco de Villa Real.
Do Banco do Douro.
Do Banco Commercio Industria.
Do Banco do Alemtejo.
Do Banco do Minho.
Do Banco Commercial de Guimarães.

(200)

Manoel de Sampaio annuncia aos seus freguezes e ao publico que o armazem de vinhos que tinha no largo dos Penedos n.º 23, de sociedade com Francisco Alves da Fonseca, continúa por conta e UNICA responsabilidade do annunciante, visto ter-se dissolvido aquella sociedade.

Os vinhos, que agora se acham á venda n'aquelle mesmo armazem vieram ha pouco do Douro, e a sua boa qualidade e pureza é garantida pelo annunciante, por serem produzidos nas suas propriedades.

Vende-se vinhos a retalho por 50, 60 e 120 reis. Vinho de meza de superior qualidade a 150 a garrafa. Vinhos velhos de 200, 300, 400, 500, 600, 700 e 800 reis a garrafa.

(203)

FABRICA DE PAPEL

DE

RUAS

Papel de jornal, 1.^a e 2.^a qualidade.
Idem d'embruho.
Idem almaço, liso.
Idem almaço, pautado.

Preços sem competidor.

AGENCIA EM BRAGA

TABACARIA BRACARENSE

(202)

GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS

JOSE' ANTONIO DA SILVA LOMAR

28—RUA DO SOUTO—29

BRAGA

Tem um saldo de lãs para vestidos a	160	que eram de	360
Ditos	240		500
Ditos	300		800
Merinos pretos	160	para cima	
Pano de linho, adamascado	600		
Dito de algodão, enfeitado	450		
Morim superior	100		
Colchas de lã em côr	25000		
Ditas de linho brancas	35000		
Toalhas turcas	300		
Fatos de casimira, lindissimos	45250 e 45300		
Cortes para calça	15500 e 15800		
Guarda-soes de seda	15000	para cima	
Toucas brancas para snr. ^a	120		
Botas de duraque de côr	500		
Golas e punhos bordados	120 e 240		
Laços de seda	120 e 200		
Gravatas para senhora	100	para cima	
Saias de bretonha, bordadas	15000		
Mantas de blonde, pretas	240		
Colletes para senhora	240		
Gravatas para homem	60		
Collarinhos de linho para homem	40 e 60		
Punhos de linho para homem	60		
Guarnições brancas, de 25 metros a peça	40		

Casimiras pretas, merinós, franjas e guarnições pretas, faíes pretos e de côr, manteletes de muita novidade, tapetes de todos os tamanhos; muitos artigos proprios do seu estabelecimento, que vende por preços muito rasoaveis.

(209)

FESTIVIDADE DO SS. ROSTO DO SENHOR

DECLARAÇÃO

Os abaixo assignados, legalmente eleitos Devotos administradores da Devoção do Santissimo Rosto do Senhor, venerando á entrada da rua do Forno, tendo lido na «Sentinella», de 17 e 24 do corrente, uma declaração anonyma em que se affirmava em absoluto terem os devotos d'aquella veneranda Effigie resolvido fazerem á sua custa a festividade da mesma, ficando assim o publico prevenido para não concorrer com as suas esmolas, declaram que a referida declaração é falsa e foi publicada no intuito manifesto de os prejudicar. Os abaixo assignados teem resolvido fazer a festividade no dia 6 de junho, e esperam que as pessoas devotas do SS. Rosto do Senhor os auxiliem com os seus donativos.

Braga 26 de abril de 1880.

Os Devotos

Rodrigo d'Oliveira e Sousa
José Maria Lupe da Rocha
João Antonio Maria Louçada
João Dias Junior
Simão Pereira Lopes
Antonio José Miranda Pinto
Monel Bernardo de Paiva
Gaspar Cezar da Costa
Antonio José da Costa Villaga
José Joaquim Ferreira da Conceição
Bento Joaquim Pereira.
Antonio Bernardino da Silva. (214)

APPELLO A' COMPAIXÃO

Reside em Eira Vedra, comarca de Vieira, uma infeliz, por nome ERMELINDA CARVALHO DE MAGALHÃES, que se vê nas mais difficéis circumstancias, depois que seu marido, condemnado a degredo para a Africa, lhe deixou a casa espantosamente individua, e seis filhos para quem não raro lhe escassea o pão.

Se merece a compaixão geral quem desde a infancia nunca sentiu uma sorte adversa, não menos se torna credora d'ella a pessoa que, remediada e feliz, foi arrojada á penuria pelo proceder de outrem a quem tem unido o seu coração.

Para minorar as agruras da sorte d'esta infeliz, acha-se aberta uma subscrição n'esta cidade em casa do respeitavel commerciante o illm.º snr. José Antonio da Silva Lomar, á rua do Souto, n.º 28 e 29, para onde se poderão dirigir todos quantos se compadecerem da infeliz mãe.

(168)

COMPRAM-SE ACÇÕES

Do Banco Commercial da Madeira
Do Banco de Bragança
Do Banco da Covilhã
Do Banco Portuguez
Do Banco do Douro
Do Banco de Villa Real
Do Banco do Alemtejo
Do Banco Nacional Ultramarino
Do Banco Nacional Insulano
Do Banco Commercio Industria
Do Banco Commercial de Guimarães
Do Banco do Minho

Rua dos Capellistas, 20

(192)

200\$000 REIS

Dão-se a juro de 5 p. c. sobre hypotheca na confraria de Santo Amaro da Sé Primaz.

(196)

CAMPOS & BRANDÃO

SUCCESSORES DO CACHAPUZ

Receberam grande sortido de ferragens nacionaes e estrangeiras, bem assim:

Armas e rewolvers de superior qualidade.

Bombas para poços, de systema muito aperfeçoado, vindas directamente do estrangeiro.

Bacias de ferro, estanhadas, de superior qualidade.

Fogões para cosinha, de diversos systemas e affiançados.

Canas de diversas grossuras, para bengalas.

Goma estrangeira, muito superior.

Ferro em barra, e metaes de todas as qualidades.

Preços sem competencia. (142)

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noute na mesma caixa.

Vende-se roupas.

Pede-se a todos os mutuários que tiverem objectos empenhados na mesma caixa com atrazo de juros de tres mezes os venham pagar ou resgatar, senão serão vendidos.

BREVE COMPENDIO

DE

ORAÇÕES E DEVOÇÕES

ADOPTADAS PELOS MISSIONARIOS

QUARTA EDIÇÃO

Novamente correcta e muito augmentada com novas orações e devoções indulgenciadas, e concedidas posteriormente á ultima Raccolta.

Com approvação de S. Exc.^a Revm.^a o Snr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, Arcebispo Primaz.

Vende-se em Braga, na typographia Lusitana, rua Nova n.º 4, e nas livrarias de Manoel Malheiro, rua do Almada, Porto, e Catholica, de Lisboa.

Preço=160 em brochura, e 240 encadernado.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

PEDIDO

A Meza da Santa Casa da Misericordia, de Braga, tendo em consideração a avultadissima despeza que está custando o fornecimento de pannos e fios para o curativo de feridas no Hospital de S. Marcos, empenha n'este acto de caridade a devoção de seus concidadãos.

O escrivão

Laurenço da Costa G. Pereira Bernardes.

O PROGRESSO MODERNO

E O

COMPADRE CATURRA

OU

UMA PALESTRA AO CAHIR DA TARDE

POR

CORNELIO ARGUS.

Preço. 80 réis.

CATHECISMO DE CONTROVERSIA

CONTRA OS PROT STANTES

E outros inimigos da Religião e da Egreja

PELO

DR. D. JOÃO GONZALEZ

TRADUÇÃO DE

A. MOREIRA BELLO.

Com permissão do ex.^{mo} Cardeal Bispo do Porto

Preço. 160 réis.

Ambas estas obras se vendem no escriptorio da administração da typographia d'este jornal.

RESPONSÁVEL—Domingos J. S. Aguiar.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1880